

## UMA AVÓ, DUAS MÃES E DUAS FILHAS: SINTOMA E TRANSMISSÃO PSÍQUICA

*Rebeca Espinosa Cruz Amaral\**

### RESUMO

Compreendendo que a psicanálise só se construiu e pôde avançar a partir da prática clínica, construiu-se este artigo, fruto de um atendimento de uma menina de dez anos que trouxe questões relativas ao campo da psicanálise com crianças, as quais foram abordadas ainda através de uma revisão bibliográfica. Visamos centralmente elucidar a articulação do sintoma infantil com as relações familiares da criança, principalmente no que concerne ao processo de transmissão psíquica geracional. Além disso, demonstra-se que em uma análise, via transferência, a criança pode falar de seu sintoma e elaborar as cargas psíquicas transmitidas transgeracionalmente, subvertendo os sentidos herdados e buscando suas próprias significações dentro da cadeia herdada.

Palavras-Chave: Psicanálise; criança; família; transgeracionalidade.

### ONE GRANDMOTHER, TWO MOTHERS AND TWO DAUGHTERS: SYMPTOM AND PSYCHIC TRANSMISSION

### ABSTRACT

*Understanding that psychoanalysis was only built and could advance from clinical practice, this article was built, the result of the care of a ten-year-old girl who mentioned issues related to the field of psychoanalysis with children, which were still addressed through a literature review. We centrally aim to elucidate the articulation of the infantile symptom with the child's family relationships, especially with regard to the process of generational*

---

\*Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa do Capes. Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Psiquiatria e Psicanálise com crianças e adolescentes pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Psicoterapia de família e casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense.

*psychic transmission. In addition, it is shown that in an analysis, via transference, the child can talk about their symptom and elaborate the psychic loads transmitted transgenerationally, subverting the inherited meanings and seeking their own meanings within the inherited chain.*

*Keywords: Psychoanalysis; kid; family; transgenerationality.*

## UNA ABUELA, DOS MADRES Y DOS HIJAS: SÍNTOMA Y TRANSMISIÓN PSÍQUICA

### RESUMEN

*Entendiendo que el psicoanálisis sólo se construía y podía avanzar a partir de la práctica clínica, se construyó este artículo, fruto del cuidado de una niña de diez años que planteó con niños cuestiones relacionadas con el campo del psicoanálisis, que aún eran abordadas a través de una revisión de la literatura. Nuestro objetivo central es dilucidar la articulación del síntoma infantil con las relaciones familiares del niño, especialmente en lo que se refiere al proceso de transmisión psíquica generacional. Además, se muestra que en un análisis, vía transferencia, el niño puede hablar de su síntoma y elaborar las cargas psíquicas transmitidas transgeneracionalmente, subvirtiendo los significados heredados y buscando sus propios significados dentro de la cadena heredada.*

*Palabras clave: Psicoanálisis; niño; familia; transgeneracionalidad.*

### INTRODUÇÃO

Toda a construção teórica psicanalítica da qual temos conhecimento atualmente foi construída a partir da clínica, inicialmente a de Freud em Viena e, depois dele, da de diversos outros psicanalistas ao redor de todo o mundo. Herdeiros que somos dessa prática, intentamos (re)atualizá-la e levá-la adiante frente às singularidades de nossa época e dos sujeitos que atendemos, refletindo e buscando aportes teóricos que a sustentem.

É disto, pois, que se trata este trabalho, fruto de um atendimento clínico psicanalítico de uma menina de dez anos durante dois anos na Especialização de Psicanálise e Psiquiatria com Crianças e Adolescentes do IPUB/UFRJ, realizado pela presente autora, sob supervisão da psicanalista e professora Dra. Diana Dadoorian. Este nos trouxe inúmeras questões relativas ao campo da psicanálise com crianças, principalmente

no que concerne ao sintoma infantil e sua relação com a composição familiar da criança no que tange ao processo de transmissão psíquica geracional. Construiu-se, assim, este artigo, que objetiva, através de uma revisão bibliográfica de autores psicanalistas de destaque no trato destas temáticas apresentadas pela supervisora citada, reunir tais reflexões e convidar os leitores a acompanharem conosco a construção deste trabalho que, similarmente aos trabalhos de Freud, foi se dando a partir do que nos era trazido na prática dos atendimentos e as discussões clínicas sobre o caso realizadas em supervisão. Começaremos, assim, nesta introdução, com uma apresentação inicial do caso para que, em seguida, possamos, na primeira parte, refletir a respeito do sintoma infantil e como ele é entendido de acordo com as teorizações de alguns autores, e, logo depois, pensar sobre sua relação com o processo chamado por vários autores de transmissão psíquica, finalizando com algumas considerações a respeito da função da análise de crianças nestes casos.

Iniciando, então, pela contextualização do caso, trata-se de uma menina, que aqui chamaremos ficticiamente de Carla, que chegou ao serviço aos sete anos, trazida por sua mãe, que chamaremos de Laura, que apresentou a queixa de agressividade por parte desta com os membros familiares. Carla foi encaminhada para acompanhamento psicológico com uma psicóloga que na data cursava a especialização e a acompanhou até o início de 2019, ocasião na qual foi encaminhada para a presente psicóloga, autora deste artigo, mas permanecendo sob supervisão da Profa. Dra. Diana Dadoorian.

Ao ser convidada para uma entrevista inicial com a nova psicóloga, Laura se queixou muito, dizendo que Carla havia piorado, pois vinha agredindo com frequência os familiares. Contou que residia com Carla, a filha mais velha, Jade, de 21 anos – quem, porém, ficava a maior parte do tempo na casa do namorado –, sua mãe, Ágata, e um de seus irmãos, em um ambiente que descreveu como um “hospício”, muito conflituoso pela ocorrência de brigas entre ela e sua mãe, além das ocasionadas por sua filha. Trouxe um discurso desde esse momento muito atravessado por sua mãe, dizendo que ela afirmava que Carla devia ter alguma doença psiquiátrica como ela – Laura –, que era diagnosticada com bipolaridade. Acrescentou que em outros ambientes Carla se comportava muito bem e não tinha conflitos com ninguém.

É a partir deste primeiro relato, então, que podemos começar a pensar no caso de nossa paciente e em suas possíveis associações com sua estrutura familiar, como apontado em supervisão, visto ficar claro já aqui que ele se manifesta exclusivamente no ambiente doméstico. Tal ambiente, como se escuta desde esse primeiro momento, é marcado por violências físicas e verbais entre as mulheres dessas três gerações entrelaçadas, a avó da paciente, a mãe da paciente, e a paciente, que, contudo, mais pareciam cinco mulheres na verdade: uma avó, duas mães – Ágata e Laura – e duas filhas – Laura e Carla –, além também da irmã mais velha da paciente que, entretanto, não se fazia muito presente nos discursos dessas outras mulheres.

Para refletir, então, sobre este caso, tomamos como norte a afirmativa do psicanalista francês, leitor da obra de Freud, Jacques Lacan (1969/2003), de que o sintoma da criança pode responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. Mas, o que isto significa? Podemos afirmar, como fazem tantos autores a partir desta afirmação, que a criança é sintoma da família? Onde fica sua própria subjetividade quando as coisas são assim postas? Que resposta é essa que ela dá ao sintoma? O que ele revela?

Para buscar essas respostas, partimos do fato de que é na cena familiar que a criança vive suas primeiras experiências e se organiza enquanto sujeito a partir do lugar que ocupa no desejo do Outro – primordialmente materno – e do Complexo de Édipo, o qual também atravessa os demais sujeitos ali implicados. Dessa forma, as outras gerações estão sempre, física ou fantasmaticamente, presentes na constituição do sujeito, possuindo papel central em sua inserção no plano simbólico. Isto, pois a transmissão inconsciente se dá via significantes do Outro, os quais são os grandes “materiais” do que chamamos de banho de linguagem que é dado na criança e lhe deixa marcas. Tais significantes, portanto, vindos do Outro, fazem parte também de sua própria história e mesmo do banho que receberam outrora daqueles que, para eles, ocuparam esse lugar.

Não podemos desconsiderar, porém, que as relações familiares são muitas vezes marcadas por conflitos, e no seio destes, conforme aponta a postulação de Lacan que trouxemos acima, as crianças são frequentemente convocadas a ocuparem uma função de sustentáculo e encobrimento das faltas, principalmente parentais, ou de receptáculo das projeções do que há de problemático. Frente a isso, Mannoni (1967/1980) aponta que

muitas vezes a criança verá o desenvolvimento de sintomas como única saída – uma saída vista como de saúde, embora falsa<sup>1</sup>.

É tendo tudo isso em vista que essa mesma autora – Mannoni (1964/1988) – afirma ser de suma importância a escuta do discurso familiar, e em especial do materno, na análise de crianças. Corroboramos, pois, com seu apontamento de que, no nível do tratamento da criança, os pais devem ser escutados e sua mensagem deve ser recebida. Nesta, muitas vezes, vemos que, por trás de suas palavras proferidas repetidamente, há as palavras recalçadas que são de suma importância para a análise da criança, visto que fazem parte dos atravessamentos significantes que lhe marcam.

Quem é, então, essa criança para a mãe, o pai, avós, tios, irmãos? O que representa para cada um? Que lugar ocupa? Na direção dessas perguntas, Mannoni (1967/1980) afirma que “Cumpra ao terapeuta situar o que representa aquela criança no mundo fantasmático dos pais e compreender também o lugar que estes últimos lhe reservam nas relações que estabelecem com a criança” (p. 74). É de suma importância, então, pensarmos a respeito do sentido do sintoma da criança para a família, e nessa trilha apostamos na escuta familiar como fundamental para a análise infantil por nos permitir localizar a criança no discurso parental, pensar como seu sintoma pode estar respondendo a esta estrutura, manejarmos a dupla transferência e resistência e, ainda, não para responder à demanda familiar, mas possibilitar que os pais – centralmente – se potencializem como tais (Dadoorian, 2016). Dessa forma, o analista pode funcionar como um mediador que rompe com repetições e permite a emergência do desejo do sujeito infantil, pois, como afirma Mannoni (1967/1980), a análise pode desalojar a criança de seu lugar no real, de objeto da fantasia materna – ou, acreditamos, familiar –, e possibilitar que a criança passe a falar em nome próprio.

É esse o caminho de nosso trabalho clínico com a paciente, como acompanharemos. Para isso, começaremos situando melhor as questões referentes a sua sintomatologia e às reflexões a respeito do sintoma infantil para a psicanálise, para que, a seguir, possamos nos encaminhar para as reflexões teóricas suscitadas pela prática clínica deste caso a respeito da transmissão psíquica geracional implicada na construção de seu sintoma. Por fim, nas considerações finais, tentaremos trazer alguns apontamentos relevantes no que se refere ao direcionamento clínico do caso.

## UMA FILHA E SUA MÃE – O SINTOMA DA CRIANÇA

No caso que estamos apresentando, o sintoma apontado por Laura em Carla refere-se a sua agressividade com ela e a avó, principalmente em momentos em que queria jogar no celular e não lhe davam o aparelho. O curioso aqui, porém, é que tal sintoma não se manifestava em nenhum outro espaço, como na escola ou nas sessões – nas quais a paciente sempre aceitava com facilidade as regras (inclusive entrar sem o celular), perder em jogos, os fins das sessões etc. –, bem como em nenhuma outra relação que não com sua mãe e sua avó. Isso foi apontado pela analista a Laura, que reconheceu que o sintoma da filha se associava às relações de seu ambiente familiar. Laura contou ainda que Carla já havia chegado a pedir que ela escondesse o *tablet*, bem como por várias vezes Carla relatou só ficar excessivamente no celular por não ter outra coisa para fazer, já que ninguém brincava com ela, o que Laura justificava dizendo não ter paciência e por isso também entregar os aparelhos eletrônicos, pois, se não o fizesse, Carla não cessava de pedir. O que, porém, ela pedia? Aqui é importante citar ainda que com frequência era trazido por Laura o relato de que Carla lhe questionava diversas vezes se era amada por ela...

Com tudo isso nota-se o caráter de denúncia que possui o sintoma infantil, a qual é relativa à organização e estruturação familiar, como apontam diversos autores. Um deles é Melman (1995), que afirma que os sintomas das crianças costumam atingir seus pais causando-lhes enorme mal-estar por denunciarem algo que deveria ficar oculto, ou, como ele diz, porque elas “devolvem para nós o nosso próprio inconsciente” (p. 34), o nosso infantil. Ou seja, no sintoma do filho atualiza-se o infantil parental, que se refere justamente à relação desses sujeitos com suas próprias castrações. Assim, quando os pais falam sobre os sintomas de seus filhos, muitas vezes estão falando sobre suas próprias faltas, como a mãe de nossa paciente que, ao ser convidada a falar, revelou como o sintoma de sua filha dizia, na verdade, de sua falta de atenção a ela. Ainda em relação a isso, em uma sessão com Laura, esta disse que sua filha mais velha passava mais tempo na casa do namorado do que em sua casa, o que ela interpretava como uma fuga de seu ambiente familiar, fala diante da qual foi questionada se não era possível ver o uso excessivo

de aparelhos eletrônicos de Carla também como uma tentativa de fuga daquele ambiente conflituoso.

Recordamo-nos aqui de uma fala de Mannoni (1967/1980), de que, no que concerne aos sintomas infantis, “o indivíduo propõe a sua questão por intermédio de seus pais, para eles ou contra eles” (p.73). Desse modo, podemos afirmar que o sintoma da criança concerne, ao mesmo tempo, ao real de seu corpo e ao campo simbólico em que se insere. Com isso, queremos apontar ainda que na construção sintomática da criança há um atravessamento do discurso parental, mas também há algo que é de seu posicionamento e sua construção de uma resposta. Dizemos isso, pois, alguns psicanalistas, como Dadoorian (2016) e Zornig (1991), afirmam que não podemos tomar a criança apenas como objeto em posição de passividade frente ao desejo do Outro familiar, pois ela é também sujeito de seu próprio discurso. Assim, apesar de alguns autores lacanianos afirmarem que, quando manifesta um sintoma enquanto objeto da mãe, a criança está em um lugar de a-sujeito; não corroboramos com tal fala posta dessa forma, pois nossa experiência clínica é clara em nos demonstrar que, através de seus sintomas, a criança responde e fala de seus desejos e defesas.

Mesmo porque a afirmação de Lacan (1969/2003) é de que “o sintoma da criança acha-se em condições de *responder* [grifo nosso] ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 1969/2003, p. 369), ou seja, representa a verdade desta estrutura, ou “*decorre* [grifo nosso] da subjetividade da mãe” (Lacan, 1969/2003, p. 369). É preciso atenção a essa passagem, pois os verbos utilizados por ele, *responder* e *decorrer*, não significam uma posição totalmente passiva, mas mostram que o sintoma é uma certa ação da criança frente ao que lhe atinge. Mesmo quando colocada em lugar do objeto que falta ao Outro, ao produzir frente a isso uma posição sintomática, acreditamos que a criança o faz como apelo a sair desta posição, como no famoso caso freudiano do Pequeno Hans (Freud, 1909/1996a); afinal, ele não se regozija totalmente no lugar de falo da mãe, mas responde com uma produção sintomática.

Frente a isto, não podemos esquecer que o sintoma é sempre uma mensagem de algo que não vai bem, via indireta e distorcida de realização de um desejo frente ao recalque, mas também resposta a uma satisfação pulsional insuportável. Ou ainda, como diz Lacan (1953/1998), “uma fala em plena

atividade, pois inclui o discurso do Outro no segredo do seu código” (p. 282). A criança, portanto, em sua produção sintomática, denuncia ativamente um sofrimento, e há em seu sintoma algo que concerne aos seus desejo e gozo.

Concordamos, assim, com Zornig (2001, s/p), que afirma que “o sintoma da criança desenrola-se nos interstícios do discurso parental”, traz a marca da função simbólica dos pais, mas não se reduz a esta. Ou seja, como ela diz, o discurso dos pais é uma matriz simbólica de partida na constituição psíquica da criança, mas o inconsciente infantil não é apenas reflexo do inconsciente parental, e a criança deve ser ouvida como sujeito de seu discurso e de sua construção sintomática, mesmo em associação aos pais. Ou ainda, como diz Dolto em prefácio a Mannoni (1982/2004, p. 24), pais e filhos “são dinamicamente participantes, indissociados pelas suas ressonâncias libidinais inconscientes”, destacando que há uma articulação estrutural entre o sintoma infantil e o discurso e o desejo parentais, em que o sintoma responde a uma demanda inconsciente dos pais – a qual estão associadas seus narcisismos, investimentos libidinais, e posicionamentos frente à castração – mas é também uma escolha do sujeito.

Assim, vemos como os sintomas das crianças costumam colocar em xeque toda a organização fantasmática familiar, confrontando todos – pais, avós e, por vezes, até bisavós – com suas falhas e faltas edípicas, com seus desejos reprimidos e seus conflitos, ou seja, com o mal-estar familiar. Por isso, o aparecimento de sintomas na criança, bem como o desaparecimento destes, sempre provoca efeitos sobre os pais, de modo que não podemos excluí-los do processo analítico (Dadoorian, 2016).

Nesse sentido, Dadoorian (2016) e Zorning (2001), dentre outros autores, afirmam que no processo analítico surgem diferentes demandas e discursos: dos pais, da criança, do meio social e do próprio analista. Nesse meio, o discurso dos pais é visto como revelador da posição que ocupa a criança na fantasia neurótica deles, e o analista, suportando a transferência dupla – com pais e a criança – deve se colocar em uma posição de ouvir estas diferentes falas. Zorning (2001) afirma que com os pais é importante trabalhar um processo de luto, tanto pela diferença existente entre a criança real e a imagem da criança narcísica do desejo, que faz com que esta última tenha que ser perdida, como um luto “da criança que os pais desejariam ter sido, mas não foram e que esperavam

resgatar através de seu filho” (Zorning, 2001, s/p). Reforça, com isso, que “os pais, ao falarem da criança, falam de si próprios ao supor que a criança encarne sua imagem ideal no espelho” (Zorning, 2001, s/p).

Não à toa, Dolto (1977) aponta que os pais costumam ter duas atitudes em relação aos sintomas dos filhos: vê-los como uma doença, e isentar a criança de responsabilidade; ou como maldade, e os responsabilizar totalmente. Isto, pois, os sintomas das crianças colocam em jogo as culpas, que ora se localizam nos pais e ora nas próprias crianças. O andamento da análise de crianças é, portanto, muito influenciável pela reação da família ao mesmo (Freud, 1933[1932]/1996i; Dadoorian, 2016).

Mannoni (1982/2004) aponta que o fundamental era que os pais pudessem ver a desordem e se empenharem em palavras nesse processo. Enigmas e questões podem surgir quando eles olham para o que a criança em análise mobiliza neles, por isso o trabalho com eles deve ser não de ‘aconselhamento’, mas de um acolhimento de suas angústias, abertura para uma maior compreensão de seus filhos, e ressignificações possíveis de suas relações, permitindo que notem suas participações no adoecimento da criança.

Através das discussões em supervisão, o direcionamento clínico do trabalho com Laura foi possibilitando justamente isso, abrindo um caminho para que ela pudesse ver as suas questões que estavam ali envolvidas e que estavam sendo expressas via discurso sobre o lugar da filha. Aos poucos, ela pôde começar a reconhecer na narrativa sobre sua filha os seus próprios conflitos, inicialmente como mãe e, mais à frente, como estes estavam associados as suas vivências e a seus conflitos como filha de sua mãe, de sua criança que ainda não crescera.

É isto que veremos, a seguir, em que trabalharemos centralmente a temática da transmissão psíquica e sua associação à formação sintomática infantil, seguindo as indicações principalmente do trabalho realizado por Dadoorian (2016). Notaremos, com isso, como este trabalho com a mãe da paciente foi fundamental para o processo analítico de Carla, pois, como afirmam autores como Dadoorian (2016) e Zorning (2001), a psicoterapia individual da criança, atrelada a um espaço de escuta dos pais, é fundamental inclusive para que os pais e a criança possam separar e diferenciar suas questões, singularizando suas narrativas.

## **A MÃE DA FILHA E A FILHA DE UMA MÃE – A TRANSMISSÃO PSÍQUICA GERACIONAL**

Ao longo das sessões mensais com Laura, ela trazia de maneira repetitiva as queixas em relação a Carla como uma criança agressiva, que não a respeitava, não a obedecia, que agredia a ela e a sua mãe, e a quem ela agredia como forma de tentar conter e se fazer respeitar. Apesar de uma resistência inicial, aos poucos Laura pôde falar sobre como era agredida pelo pai quando criança para que obedecesse, notando como estava repetindo isso com a filha. Algumas sessões à frente, novamente se queixando sobre Carla, disse que iria interná-la, que ela precisava da polícia ou de um hospital psiquiátrico, porque aquilo não era normal; mas, diante de uma intervenção da analista, pôde dizer sobre como sua mãe lhe colocava neste lugar, dizendo que a louca era ela, que ela precisava ser internada, e percebeu como repetia essa mesma atitude com Carla. Fica clara aqui, assim, a centralidade da temática da construção da parentalidade e da transmissão psíquica implicada nesta, e sua relação à constituição sintomática de Carla, como apontado em supervisão ao caso, fazendo-se imprescindível que tratemos disto.

O conceito de parentalidade é relativamente novo, foi usado pela primeira vez pelo psiquiatra e psicanalista Paul-Claude Racamier, em 1961, no intuito de destacar o caráter processual intrínseco ao exercício das funções dos pais em relação aos filhos e fazer pensar do que se trata ser pai e ser mãe. Tais questões por muito tempo não foram feitas, naturalizando as funções maternas e paternas quase como instintuais. Porém, por volta dos anos 1960, essas questões começaram a ser trazidas, principalmente por psicanalistas que se debruçam sobre os estudos e as práticas com bebês e seus responsáveis, como Lebovici, Moro, Fraiberg, Stern etc. (Dadoorian, 2016). É aqui, então, que se começa a falar da parentalidade.

Tal termo marca a dimensão de processo e construção do que é ser pai e do que é ser mãe na relação com um filho. Autores da área apontam que o que assegura o exercício da parentalidade não é a relação de consanguinidade ou de aliança, mas este depende de uma construção psíquica, de mudanças subjetivas que são produzidas nos pais. Assim, não falamos de paternidade ou maternidade, mas de parentalidade, de um “tornar-se pai” e um “tornar-

se mãe”, em um processo em que estão implicadas as histórias individuais de cada um dos pais e as lógicas inconscientes de seus desejos. Ter um filho reatualiza para o sujeito fantasias de sua própria infância e da relação com seus pais, o cuidado que tiveram desses e as representações sobre a parentalidade que possuem a partir de suas vivências (Zornig, 2010).

Por isso, o processo de parentalidade não se dá apenas na gestação e no nascimento, mas em um tempo presente singular de cada um e que sofre influência também das identificações infantis de suas histórias. Freud (1914/1996c) já havia apontado como a criança ocupa um lugar no psiquismo dos pais que reatualiza para eles o narcisismo de cada um, bem como suas lembranças e fantasias sobre suas relações objetais primárias, motivo pelo qual, por vezes, esse é um processo conflituoso.

Além disso, um ponto fundamental no processo de parentalização é o apontado por Lebovici (1987), que afirma que temos uma árvore da vida, com raízes e possibilidades de desabrochar, e que as árvores das crianças estão relacionadas aos mandatos que lhes são atribuídos na transmissão psíquica. Esta tem um papel importante tanto na construção da parentalidade dos pais, como nos primórdios psíquicos do bebê, inscrevendo este em uma história – familiar e cultural –, e permitindo que ele ocupe nesta um lugar para que possa construir também a sua identidade narrativa.

No que concerne à transmissão psíquica, um dos autores que mais fala a respeito é Kaës (2005), o qual extrai tal conceito das concepções de Freud sobre a hereditariedade desde os textos pré-psicanalíticos. Vale destacar que, segundo o autor, Freud não fala da hereditariedade em nível biológico, mas a partir de sua concepção da genealogia do sujeito na relação com o outro. Ele aponta, então, que Freud já se referia indiretamente à transmissão psíquica quando abordou a questão da transmissão da neurose em vários textos, ora falando de uma transmissão intrapsíquica, de uma instância a outra, ora de uma transmissão geracional a partir da trama fantasmática familiar, que inclui tanto a identificação aos modelos parentais, como a transmissão pré-histórica de traços mnemônicos das relações com as gerações anteriores pelo que é visto, ouvido e contado da história familiar.

Entre os anos de 1913 e 1914, por exemplo, anos em que estava escrevendo *Totem e Tabu* e *Sobre o Narcisismo*, textos essenciais na temática da constituição civilizatória e do sujeito, Freud já apontava

para a vinculação do sujeito a uma corrente geracional, da qual herdava uma história e um lugar. O autor falou de uma transmissão cultural que garante uma continuidade geracional e de uma transmissão que é constitutiva do inconsciente e, portanto, da subjetividade. Ou seja, a questão da transmissão psíquica nas obras freudianas está tanto presente em suas elaborações a respeito do complexo edípico, como da transmissão cultural, moral, social, religiosa de uma civilização. Assim, diversas são as passagens freudianas em que vemos questionamentos do autor a respeito desta temática: quando cita a frase de Goethe, “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (Freud, 1913[1912-1913]/1996b, p. 160), trazendo a questão da apropriação de uma herança que se transmite; quando afirma que o sujeito “é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive” (Freud, 1914/1996c, p. 94-95) e que “o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo processo de geração” (Freud, 1915/1996d, p. 145); e, ainda, quando questiona “Quais são as maneiras e os meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?” (Freud, 1939/1996j, p. 117) e afirma:

nos damos conta que a probabilidade de que aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, elementos com uma origem filogenética – uma herança arcaica (Freud, 1939/1996j, p. 117).

Vemos, assim, que Freud aponta em toda sua obra para a questão edípico-relacional que marca que o sujeito sempre se coloca em um grupo com o qual se relaciona, assumindo um lugar neste a partir do desejo daqueles que ali estão.

Além de fazer um percurso pela obra freudiana, Kaës (2005) aborda também o desenvolvimento desta temática na psicanálise, apontando seu lugar fundamental para autores da escola inglesa que pensavam as questões das relações de objeto, e na psicanálise francesa, na qual, principalmente por meio da obra de Lacan, sujeito e Outro são vistos de

modo associado, com um destaque especial para o fato de que os pais, primeiros Outro da criança, são os responsáveis por, mesmo antes de seu nascimento, lhe conferirem um lugar simbólico.

Como exemplo da escola inglesa, temos Winnicott (1988b), que afirmou que “para cada mulher, há sempre três mulheres: a menina, sua mãe e a mãe da mãe” (p. 192), uma frase essencial que diz muito de nosso trabalho – que justamente abordamos: um caso de três mulheres, nossa paciente, sua mãe, e a mãe de sua mãe.

Já no que concerne à psicanálise lacaniana, nesta vemos delinear-se que a transmissão psíquica se dá pela via da linguagem, do simbólico, mas também implica as dimensões do imaginário e do real dos vínculos familiares geracionais. Segundo as afirmações de Lacan, de que o inconsciente é a linguagem e a linguagem é transmitida pelo Outro, depreende-se que tal linguagem que marcará o corpo pulsional e constituirá o sujeito do inconsciente traz sempre a marca desse Outro, de modo que podemos dizer que o sujeito carrega no corpo os simbolismos que lhe são inscritos e que a subjetividade é um processo contínuo de construção que só se dá na relação com o Outro. É pelo lugar que lhe é conferido pelos Outros primordiais em uma cadeia simbólica que é geracional que a criança pode, como afirma Araújo (2001), se apropriar dos significantes fundamentais – filiação, nomeação e sexualização:

Ao falarmos em significantes transgeracionais, referimo-nos à transmissão simbólica, ou seja, à linguagem que atravessa gerações, inserindo marcas no sujeito do inconsciente fazendo com que esse sujeito posicione-se no discurso a partir de um lugar no qual vai se relacionar com o outro. Estas marcas podem ser traumáticas ou não, ficam no imaginário da família anterior e vão se inscrevendo no psiquismo da próxima geração, são marcas que se repetem (Araújo, 2001, p. 1).

É seguindo esta trilha que podemos apontar que Mannoni (1976), que pertence à escola francesa, já falava de uma transgeracionalidade, mesmo sem usar essa nomenclatura, ao falar sobre sintomatologias que passavam entre gerações. Ela dizia da necessidade de escuta da história da linhagem parental para estabelecer o lugar que a criança ocupa na cadeia geracional.

É a partir de toda esta base, então, que alguns autores começam a falar da transmissão psíquica, a transmissão entre gerações, pela via da

fala, dos gestos, olhares etc., de histórias, pensamentos, afetos, memórias, identificações, fantasias, culpas, modos de defesa, significantes, interditos, ideais, sintomas, traumas, e mesmo a forma como se lida com a castração, de maneira consciente e inconsciente. Tais autores afirmam que essa transmissão ocorre por duas vias: uma transmissão transgeracional e descendente (Freud, 1914/1996c), por meio da qual entram na vida psíquica da criança, por intermédio dos conflitos infantis de seus pais, seus avós – que é considerada de certa forma como invasiva, por conferir à criança materiais brutos, não elaborados, que passam pelos sujeitos de maneira violenta, atravessando-os sem uma abertura de espaço à subjetividade do que *a* está recebendo de uma forma não elaborada e representada, cheia de não-ditos. E uma transmissão intergeracional, em que se vê uma certa distância entre o transmissor e o receptor, havendo limites mais demarcados entre eles, e que se dá desde as interações precoces do bebê, pela via da linguagem verbal e não verbal, e implica uma sintonia afetiva e uma visada do sujeito como singular, quem, ao receber a herança que lhe é transmitida, age ali como um transformador, recriador do que lhe é passado, permitindo novas elaborações, tomando alguns elementos para o seu próprio mito individual.

Vemos, com isso, que as histórias transmitidas podem enriquecer o sujeito ou o tornar prisioneiro. A transmissão geracional é de suma importância, fundamental para a constituição do sujeito, o qual é sempre precedido por um grupo responsável por uma transmissão e por lhe conferir lugares, funções, impor limites, apresentar objetos, ideias etc., a partir das quais ele poderá transformar, (re)construir, (re)organizar (Dadoorian, 2016). A questão é que, como apontado por Grajon (2000), quando não há uma separação entre o transmissor e aquele a quem se transmite, o sujeito é posto em um estado de alienação<sup>2</sup>, pois passa a portar uma história que não lhe pertence, que está sob o domínio da repetição, e isso pode ter efeitos patológicos devastadores.

Faimberg (2001) aponta que isso ocorre quando os pais ocupam o lugar da criança, que fica sujeita ao que eles lhe transmitem. Já Fraiberg (1994) falou da presença de fantasmas no quarto das crianças, visitantes do passado dos pais que, ao invadirem os espaços, afetam a relação destes com a criança – mesmo que o façam por vezes de modo que

conscientemente os pais não reconheçam as repetições em jogo ou resistam a mexer nisso – e o desenvolvimento desta, ao dirigirem a repetição das dores familiares. Isso ocorre quando os afetos relacionados às experiências infantis dolorosas dos pais ficam recalcadas, não são conscientes – mesmo que o fato o seja, ele parece vazio, quando na verdade o afeto ali em jogo foi apenas reprimido. Com isso, torna-se difícil elaborar o próprio sofrimento e construir o desejo de que aquilo não se repita com o filho.

No caso que estamos trabalhando, por exemplo, vemos Laura muito alienada a sua mãe, como mostra seu discurso que sempre carrega o discurso de sua mãe, e seus atos que se mostram repetições dos atos dessa. Já Carla parece tentar se separar de Laura em certa medida, ao mesmo tempo em que também parece aprisionada ao legado de violência familiar. É este paradoxo que parece se fazer presente em seus sintomas. Enquanto a agressividade aparece como uma certa repetição de uma série familiar, uma sequência de relações conflituosas entre mãe e filha na qual é inserida, o uso excessivo de aparelhos eletrônicos aparece como uma tentativa de separação de um ambiente adoecido, de se retirar dessa cena, e não sem um apelo para que o Outro, sua mãe, lhe dê algo, um tratamento diferente do dado por sua mãe, amor, carinho e atenção.

Os sintomas, nesse sentido, podem ser compreendidos como reveladores dos conteúdos familiares recalçados e representam tanto uma manifestação deles, como uma tentativa de simbolizá-los. Isso também demonstra como a criança não é apenas passiva nesses processos, não recebe apenas sua história, mas também, de algum modo, está sempre tentando buscá-la, construí-la, narrá-la e transformá-la a partir de sua singularidade. Ou seja, existe uma articulação significante anterior ao sintoma, a criança herda uma herança significante, se insere em uma cadeia; porém, não o faz passivamente, mas tem uma função ativa frente a essa de também transformar, recriar, organizar. A transmissão nunca é passiva, e convoca o sujeito a um trabalho psíquico de organização, elaboração, transformação, que permite que ele se aproprie do herdado a partir de suas vivências, para que não fique alienado ao discurso familiar.

É também nesse sentido que autores como Mazet e Stoleru (1990) defendem que a criança, desde bebê, não é meramente passiva, mas um parceiro ativo na interação com os pais e na construção da parentalidade

destes – e também de sua constituição subjetiva –, contribuindo para a emergência do maternal e do paternal nos adultos. Sua presença permite modificações dos fantasmas parentais e retificações de suas fantasias infantis. E suas respostas também contribuem na modelagem da parentalidade oferecida, na medida em que propiciam novas formas de interação que permitem ir além dos modelos identificatórios que os pais trazem de suas histórias. A partir de tudo isso, podemos afirmar que a pré-história da criança, o início da construção de seu psiquismo, tem início na história individual de cada um de seus pais, e passa também pela construção da subjetividade deles, assim como esta está intimamente ligada à atividade da criança. Bidirecionalmente, ambos influenciam os diferentes tipos de vínculo e interação que se estabelecerão entre eles (Mazet & Stoleru, 1990).

Em nosso caso, porém, como visto em discussões clínicas em supervisão, podemos dizer que isso vem se dando tridimensionalmente pelas três gerações presentes nessa cena. Destacamos isso de maneira particular em nosso caso, pela presença tão intensa dessas três gerações na cena; mas é importante dizer que, mesmo em casos em que isso não se faz notar assim diretamente, as relações dos pais com seus pais influenciam fortemente sua parentalidade, suas vivências de ser pai e ser mãe, ora buscando-se repetir experiências anteriores vistas como agradáveis, ora buscando fazer diferente frente às consideradas desagradáveis, tanto em nível consciente como em inconsciente.

Winnicott (1988a) afirma que a mãe tem “recordações de que alguém cuidou dela, e estas lembranças tanto podem ajudá-la quanto atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe” (p. 4). Ele defende que há uma identificação da mãe com o bebê a partir do bebê que ela foi e da mãe que teve, assim ela estabelece seus modos de cuidado, e acrescenta que, se a mãe tiver sido uma criança carente em sua história, terá dificuldade em cuidar sozinha de seu bebê, pois ainda precisa ser cuidada, se sente desamparada e isso se intensifica ao se confrontar com o desamparo de seu bebê, concluindo que a condição psíquica da mãe influencia os cuidados que ela poderá dispensar ao bebê e o vínculo que poderá construir com ele.

No caso que estamos trabalhando isso fica muito claro, pois, até mesmo para além da questão de Laura ser diagnosticada com Transtorno Bipolar, o central aqui é que ela não consegue dar para sua filha, Carla, aquilo

que não recebeu e, muitas vezes, ao falar sobre a filha, acaba falando na verdade de seu próprio desamparo. Ou, nas vezes em que consegue fazê-lo, acaba colocando Carla em um lugar de ‘bode expiatório’ de transtornos psíquicos, como em uma sessão na qual, quando foi questionada sobre o que a fazia buscar tanto um diagnóstico para filha e querer dizer que ela tinha Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – o que a fez levar a filha em 3 neurologistas, mesmo ela sendo acompanhada pelo serviço e já tendo passado por 2 avaliações lá, além de fazer o acompanhamento psicológico –, disse o fazer porque ela teve muitas dificuldades na escola e sua mãe nunca olhou pra isso, de modo que ela só descobriu que tinha TDAH na época da faculdade quando buscou um médico por conta própria, e não queria repetir isso com a filha – acrescentando ainda que fez o mesmo movimento com a filha mais velha em anos anteriores.

O que fica claro neste caso é que o que está em jogo aqui é justamente a transmissão de um modo de relação materna que afeta as relações de Laura com suas filhas, relação esta – entre mãe e filha – já marcada, como afirmavam Freud e Lacan, por intensos sentimentos de ambivalência, ao mesmo tempo adoração e ressentimento, o que notamos tanto na relação de Carla com sua mãe – e inclusive também da irmã mais velha de Carla para com Laura – e de Laura para com sua mãe. Fica claro ainda como, ao não aparecer inicialmente a ambivalência de Laura em relação a sua mãe, ela o atribui à filha, ou seja, atribui um traço ou situação que não pode elaborar em si mesma.

Na obra de Freud (1920/1996f) há uma certa mudança de destaque nas relações desenvolvidas pela criança e que são base de sua constituição. Se no início ele se detinha mais nas questões relacionadas ao pai, com o passar do tempo ele nota a importância da mãe nesse circuito e como na verdade é ela o primeiro objeto de amor da criança, seja menino ou menina. Após esse primeiro momento, cada um seguirá o rumo de seu processo edípico, sendo que no caso da menina ele passa a notar que muitas vezes tem dificuldade de se separar de sua mãe, permanecendo de alguma forma vinculada a ela, no que ele chamou de complexo materno.

Lacan fala da maior ambivalência da filha em relação à mãe, na qual há uma certa nostalgia, e esta tende a mais intensamente se alienar no desejo da mãe, de quem espera um significante que cubra imaginariamente seu corpo e dê sentido a sua existência e sexualidade. A menina fica presa ao

enigma do que deseja a mãe, o que lhe traz sentimentos ambivalentes, pois ao mesmo tempo em que tenta satisfazê-la, é a ela hostil por esta não lhe satisfazer, não atender às intensas demandas de amor, a qual fez Lacan afirmar que a relação entre elas é de devastação, demanda imperiosa que, ao não ser atendida, causa sérios prejuízos à filha, cuja fantasia pode ser de uma mãe ou faltante que a relança constantemente no desamparo, ou excessiva e devoradora. Zalcberg (2003), lendo Freud e Lacan, aponta ainda que, na relação com a mãe, a menina busca também a distinção e,

Por causa desse anseio de separação da filha, ocorrem mudanças inesperadas, em determinado momento da relação mãe-filha. Aquela relação, originalmente marcada por um pacto de exclusividade, por um elan de um amor sem limites, transforma-se, não poucas vezes, em rancor. Ao mesmo tempo, aquela filha tão dócil e próxima revela-se aos poucos pendular; em um momento procurando a proximidade, em outro, o distanciamento da mãe; ora tenra e carinhosa, ora rebelde e agressiva. (p.193).

Estes, porém, ao serem interpretados pela mãe de uma forma outra, podem gerar distanciamentos, agressividades e rivalidades, como se vê nas brigas violentas entre Carla, Laura, e a mãe desta última. Aqui, é interessante ainda recorrermos a uma postulação de Jeammet (2005), de que, antes de ser considerado em sua força destruidora, o ódio deve ser visto como um separador, entre o eu e o mundo, um dentro e um fora, de forma que ele cria o objeto, e marca a primeira relação com a alteridade. Isto nos serve para pensar em que medida toda essa agressividade que cerca essa família não está ligada a uma tentativa, mesmo que por tais vias, de separação.

Muitas mulheres, portanto, têm dificuldade de se separarem de suas mães, o que impacta por vezes no seu tornar-se mãe, pois elas se confrontam com o desafio de se tornarem mães como a mãe é, mas diferente em como ela é, de modo que cada uma possa exercer a sua maternagem, como afirmam Schechter e Perelson (2017). Ou seja, a relação mãe-filha é fundamental para a identificação<sup>3</sup> da mulher em seu papel social e sua feminilidade, influenciando o seu tornar-se mãe. Essas autoras afirmam que, quando uma mulher tem um filho, desde a gravidez nota-se que, tendo acesso a conteúdos primários recalcados, ela se aproxima das representações psíquicas da mãe que teve em sua

infância, e das relações que desenvolveu com esta, o que gera impasses nesse processo por vezes, convocando a uma reatualização do trabalho de separação entre mãe e filha.

Além disso, Schechter e Perelson (2017) afirmam que para a mãe é também muito difícil se separar da filha, porque muitas vezes isso também implica separar-se de si na medida em que a filha é uma representante de investimentos narcísicos. Ela projeta narcisicamente na criança suas experiências enquanto a filha que foi e é, e a criança, sua majestade o bebê, é vista como a que deve compensar os pais frustrados<sup>4</sup>. No caso das meninas, pela identidade nos corpos, isso muitas vezes gera uma confusão no plano narcísico, de modo que a mãe também tem intensos sentimentos de ambivalência em relação à filha. A filha, além de ferir narcisicamente a mãe, é a que a questiona sobre ser sujeito e ser mulher, apontando sua castração.

Freud (1933[1932]/1996i) já havia afirmado, em uma conferência sobre a Feminilidade, que, “sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe” (p. 132). Mas, aqui, o risco que se coloca, como apontado por Schechter e Perelson (2017), é de uma aniquilação do eu, quando a identificação à mãe pode representar uma ameaça de retorno a um estado de indiferenciação. Assim,

Diante desse jogo de espelhos, a ambivalência da filha e a ambivalência da mãe se tornam o meio pelo qual as duas afirmam permanentemente suas diferenças, tão valiosas. O amor que uma tem pela outra, mas, especialmente, a hostilidade, marca que nada pode ser como antes, no período em que uma se confundia com a outra. É preciso ressaltar que não só a filha se confunde com a mãe em sua condição de dependência, mas a mãe também se confunde com a filha, perdendo-se nas projeções que lança sobre ela. É justamente o medo de perder-se na filha, semelhante a ela, que desperta maior ambivalência na mãe. Tanto para a mãe quanto para a filha, o ódio presente na ambivalência é uma defesa contra a ameaça de indiferenciação. (Schechter & Perelson, 2017, p. 414)

No caso que estamos aqui tratando, portanto, o importante é que, ao emergirem tais conteúdos, possa ser pensado em que medida essa agressividade é conteúdo de uma transmissão psíquica ou de uma reação à transmissão de uma falta de atenção, carinho e cuidados maternos, e,

com isso, em que medida ela identifica uma à outra e em que medida se diferencia. Além disso, torna-se fundamental também pensar a respeito de que por quais outras vias é possível operar essa separação e essa diferenciação entre elas, pois o essencial é que cada um aqui possa ocupar seu lugar nessa família, podendo a avó ser avó<sup>5</sup> de Carla, a mãe de Carla ser a mãe de Carla e Carla a filha de Laura.

Colarusso (1990) afirma que os sujeitos estão sempre passando por um processo de individuação, no qual está em jogo uma separação. O primeiro momento deste se dá na infância; o segundo, na adolescência; e o terceiro, com a experiência da parentalidade que estimula a separação dos próprios pais e que se assuma esse novo lugar, papel e função, que, porém, não deixará de ser marcado pelo que se viveu enquanto filho. Ele acrescenta, ainda, uma quarta individuação, que ocorre quando o sujeito se torna avô ou avó, precisando ocupar um novo lugar, se colocar de uma forma outra em sua relação com as diferentes gerações e construir um vínculo com o neto. Expõem-se, assim, os 4 lugares que passam a existir então: avó, mãe, neta e filha.

No caso de Carla, isso parece estar muito em questão, uma enorme confusão de lugares, nos recordando da postulação de Trachtenberg, Kopittke, Pereira, Chem e Mello (2013), que comparam a transmissão transgeracional de fantasmas não simbolizados às bonecas russas matrioskas, vendo-se um movimento identificatório inconsciente invasivo, alienante, por estarem sob o predomínio da repetição e do narcisismo.

Elucidado tudo isso a respeito do caso, trataremos agora algumas considerações finais. É importante dizer que elas não se caracterizam como conclusões, pois, apesar da saída da autora do curso, em virtude da sua conclusão, o caso foi repassado para outra profissional – quem dará continuidade ao trabalho analítico, mantendo-se sob supervisão da Profa. Dra. Diana Dadoorian. Desse modo, o trabalho se encerrará com alguns apontamentos em relação aos caminhos já trilhados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1917[1915]/1996e) afirmou que “as disposições constitucionais são [...] a sequele que as vivências de nossos antepassados deixaram” (p. 329). É com essas que trabalhamos, mas sempre em uma direção de aposta

de transformação; é na possibilidade de reconstrução que investimos recursos terapêuticos, entendendo a importância da transmissão psíquica na constituição do sujeito, mas em uma direção de libertá-lo daquilo que não lhe pertence.

Em uma análise, via transferência, o convite para que a criança fale permite que ela produza seus significantes, fale de seu sintoma, história, articule sua relação com o Outro, fazendo-se sujeito diante de sua história e de sua vida. Assim, um analista deve possibilitar que se transforme o sintoma em palavras, para que possam ser elaboradas as cargas transmitidas psiquicamente transgeracionalmente e que o sujeito se desalienie do enlaçamento de seu sofrimento a sua pré-história familiar, subvertendo os sentidos herdados e buscando suas próprias significações dentro da cadeia significativa herdada.

Mas é importante salientar que, no trabalho analítico com crianças, a orientação de voltar um olhar para a constituição do sujeito não pode prescindir de voltar esse olhar para o que nesta é parte de uma transmissão psíquica, conforme já apontado por Dadoorian (2016).

A partir de todo o exposto acima, portanto, nos recordamos da indicação de Fraiberg (1994), de que os fantasmas que invadem os quartos das crianças devem ser caçados. Nesse sentido, o trabalho analítico deve criar com o pai ou a mãe condições para identificar esses fantasmas, negociar com eles, humanizá-los, ajudando-os nas construções de suas parentalidades. Confrontando-se com eles, os pais podem liberar esses afetos, identificarem-se com a criança ferida que foram e elaborarem essa dor, prevenindo repetições, afastando os fantasmas e transformando suas experiências aflitivas em capacidade de proteger os filhos. Este é um trabalho importante, em conjunto com o trabalho analítico feito com a criança em análise, para libertá-la do que não a pertence e permitir que na família cada um possa ocupar seu lugar, e que novas possibilidades de identificação e diferenciação possam se dar.

No caso que trabalhamos, vimos que por meio do cuidado direcionado também a Laura no vínculo com a analista, conteúdos recalcados começaram a aparecer, possibilitando a quebra de repetições, reinvenções e transformações dos mandatos psíquicos familiares. Ao final do acompanhamento, viu-se que novos vínculos entre Carla e Laura

puderam começar a se costurar. Além disso, ao ser informada da saída da analista, Carla disse que desejava continuar seus atendimentos no serviço, mesmo que com outra psicóloga, pois queria prosseguir sendo escutada, demonstrando a importância desse espaço pra ela e seu saber de que uma analista podia operar ali a partir de um espaço, não de acusações como a mãe e a avó, mas de uma escuta que a reconhecia em um outro lugar e possibilitava movimentos na estrutura familiar até então posta, ao funcionar como causa de desejo.

Diante disso, na sessão de encerramento agendada com Carla e Laura, a analista marcou este movimento de escolha pela continuação feito pela paciente, apontando que ela não estava ali por possuir algum transtorno, e sim por seu desejo, retirando-a do lugar de ‘bode expiatório’ e afirmando sua condição de sujeito desejante. Apostamos, pois, na continuidade deste trabalho para que novas relações possam se construir, espaços de cuidado que ofereçam para Carla saúde psíquica e a possibilidade de uma autoria em sua própria história.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, M. L. (2001). O discurso dos pais na clínica psicanalítica com crianças: significantes transgeracionais em questão. *Colóquio do Lepsí IP/FE-USP*, São Paulo, Brasil, 3. Recuperado em 21/07/2022 em [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032001000300025&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300025&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)
- Colarusso, C. (1990). The Third Individuation: The Effect of Biological Parenthood on Separation-Individuation Processes in Adulthood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 45, 179-194.
- Dadoorian, D. (2016). O lugar dos pais no tratamento psicanalítico da criança e do adolescente. *Primórdios*, 4(4), 61-72.
- Dolto, F. (1977). *Lorsque l'enfant paraît*. Paris: Seuil.
- Faimberg, H. (2001). Escuta da Telescopiação das gerações: pertinência psicanalítica do conceito. In Kaes, R., Faimberg, H., Enriquez, M., & Baranes, J. J. (Orgs.). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. (pp. 129-145). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fraiberg, S., Adelson, E., & Shapiro, V. (1994). Fantasmas no quarto do bebê. *CEAPIA*, 7, 12-34.
- Freud, S. (1996a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 10, pp. 11-133). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1909)
- Freud, S. (1996b). Totem e Tabu. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 13, pp. 11-125). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1913[1912-1913])
- Freud, S. (1996c). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1996d). Os instintos e suas vicissitudes. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 14, pp. 123-144). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1996e). Luto e melancolia. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 14, pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1917[1915])

- Freud, S. (1996f). Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 18, pp. 149-175). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1996g). Psicologia de grupo e análise do ego. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 18, pp. 75-146). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (1996h). O ego e o id. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 19, pp. 13-82). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1923)
- Freud, S. (1996i). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 22). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1933[1932])
- Freud, S. (1996j). Moisés e o monoteísmo. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. 23, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1939)
- Goldfarb, D. C., & Lopes, R. G. da C. (2011). Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In Freitas, E. V. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Kogan.
- Jeammet, N. (2005). Ódio. In Mijolla, A. (Org.). *Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. (p. 1310). Rio de Janeiro: Imago.
- Kaes, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (1975). *Conferência A terceira*. Paris, inédito.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (obra original publicada em 1953)
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In Lacan, J. *Outros Escritos*. (pp. 369-370), Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (obra original publicada em 1969)
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mannoni, M. (1976). *Educação impossível*. Lisboa: Moraes.
- Mannoni, M. (1980). *A criança, sua doença e os outros*. O sintoma e a palavra. Rio de Janeiro: Zahar. (obra original publicada em 1967).

- Mannoni, M. (1988). *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes. (obra original publicada em 1964).
- Mannoni, M. (2004). *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus. (obra original publicada em 1982).
- Mazet, P., & Stoleru, S. (1990). *Manual de psicopatologia do recém-nascido*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Melman, C. (1995). Sobre a educação das crianças. Educa-se uma criança?. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 31-40.
- Racamier, P-C., Sens, C., & Carretier, L. (1961). La mère et l'enfant das les psychoses du post-partum. *L'évolution psychiatrique*, 26(4), 525-557.
- Schechter, L. M. de S., & Perelson, S. (2017). Separar-se da mãe para tornar-se mãe: a criação do espaço de concepção. *Psicol. clin.*, 29(3), 403-427.
- Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M., & Mello, V. M. H. P. de. (2013). *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. Porto Alegre: Sulina.
- Winnicott, D. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (obra original publicada em 1971).
- Winnicott, D. (1988a). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (1988b). *Conversations ordinaires*. Gallimard.
- Zalcborg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.
- Zornig, S. (1991). A criança em psicanálise. In Alburquerque, C. J. D., & Lanes, E. (Orgs.). *A psicanálise e seus destinos*. Rio de Janeiro: Coqueiral.
- Zornig, S. (2001). Da criança-sintoma (dos pais) ao sintoma da criança. *Psicologia Clínica*, 13(2), 119-127, 2001.
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanal.*, 42(2), 453-470.

## NOTAS

- <sup>1</sup>Na leitura Winnicottiana, isso também se vê pela centralidade que este confere ao meio, caracterizado inicialmente pelo ambiente familiar e sua afirmação de que “a sintomatologia da criança reflete doença em um ou ambos os pais ou na situação social” (Winnicott, 1971/1984, p. 16).

<sup>2</sup>Alienação é o nome utilizado por Lacan (1975) para descrever o momento em que o sujeito corresponde aos sentidos que lhe são atribuídos pelo Outro. A alienação ao desejo do Outro é sempre necessária para a existência simbólica do sujeito. Mas, aos poucos, a criança começa a poder falar por si, construir suas significações, sendo preciso para isso o processo que ele chama de separação, e que se dá a partir do surgimento da falta materna e da entrada do pai. Alienação e separação, porém, não são processos pontuais e estanques, mas estão constantemente se dando nas relações dos sujeitos com o Outro.

<sup>3</sup>Aqui vale destacar que em textos fundamentais como *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (Freud, 1921/1996g) e *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1996h), Freud situou a identificação como parte fundamental do processo de constituição, e também como via de transmissão.

<sup>4</sup>Freud (1914/1996c) já afirmava como é da ordem de uma transmissão os investimentos que os pais fazem no bebê, pois este é fruto de seus narcisismos renascidos, que fazem com que depositem nos filhos a expectativa de que estes realizem tudo aquilo que eles não realizaram.

<sup>5</sup>Vale dizer aqui que ser avó também implica um processo de tornar-se, para o qual é fundamental a elaboração, no sentido de uma reorganização psíquica, do papel de mãe, e da filha que se foi, sendo importante delimitar as fronteiras entre ser avó e ser mãe na estrutura familiar, permitindo a individuação, subjetivação e as relações entre os outros membros dessa cena. Goldfarb e Lopes (2006) afirmam que, para que possam ocupar o lugar de avós, estes sujeitos devem consentir que seus filhos sejam pais, assumam as funções parentais, e se coloquem como elo entre as gerações.